

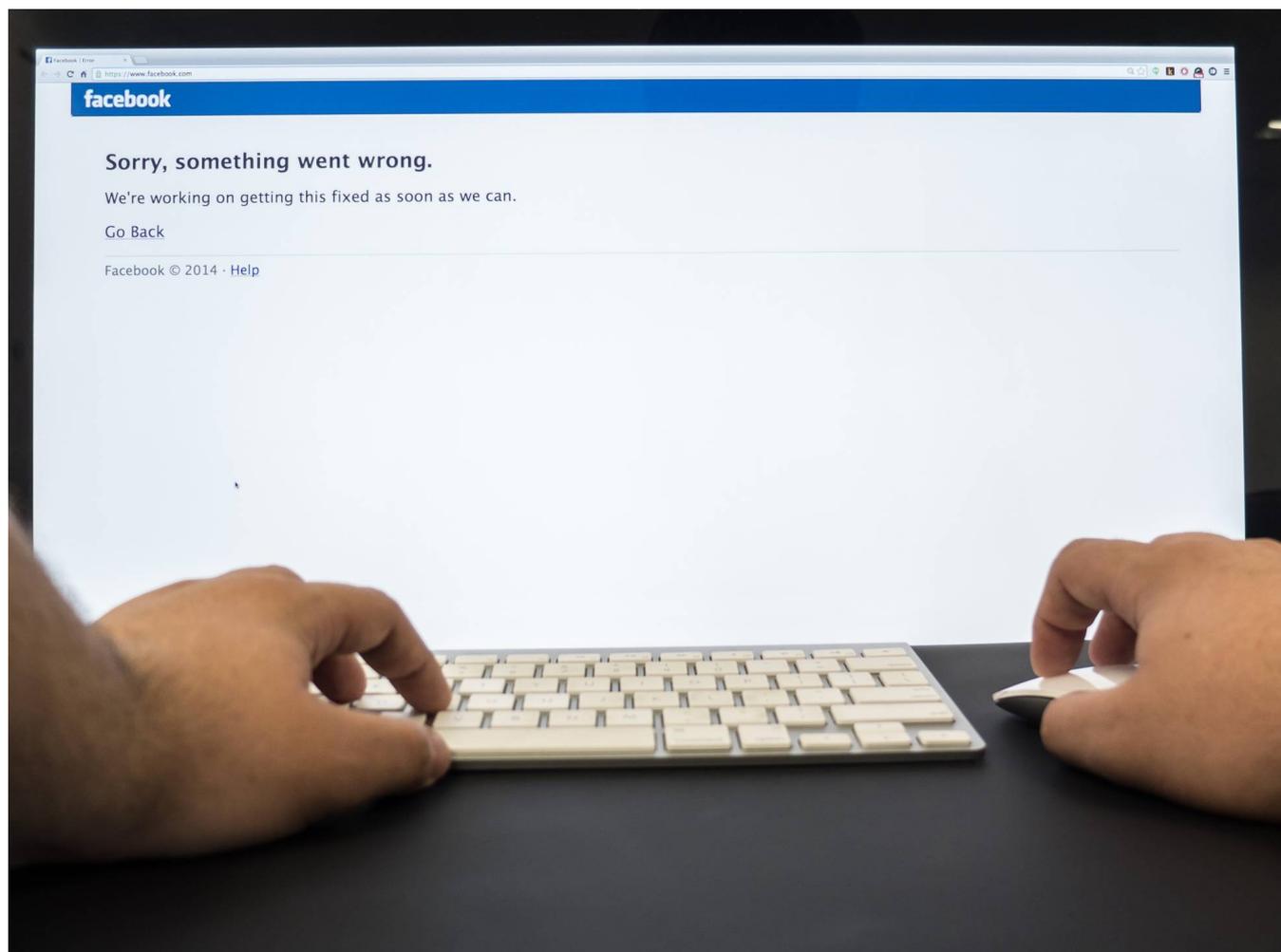
TRIBUNA

# *A memória seletiva da ética*

Na busca por direitos individuais, passamos um rolo compressor sobre a noção de coletivo

ANA CARLA FONSECA / ALEJANDRO CASTAÑÉ

3 JUL 2016 - 15:10 BRT



/RAFAEL NEDDERMEYER (FOTOS PÚBLICAS)

Diante de tanta gente defendendo suas próprias bandeiras e lutas, em nome da democracia e não raro sobrepondo-as às dos outros, a palavra "direitos" parece unânime nas falas e notícias, enquanto "deveres" está virtualmente ausente. Será paranoia ou autoilusão? Crescentemente encafifados, recorreremos ao oráculo Google. ["Ter direitos" gera 284.000 hits; "ter deveres", tão somente 7.300](#). Não deixa de ser indicativo de uma curiosa noção de construção democrática.

Não resistimos e fizemos um *post* no pervasivo termômetro social que responde pelo nome de [Facebook](#). Muita gente reagiu solidarizando-se com nosso desconforto; mas várias pessoas retrucaram, com alguma ou muita indignação, por pressupor que "direito" invariavelmente se refere a cidadãos e "dever" integra a esfera do Estado. Bem, é compreensível que diante de um Estado historicamente glutão e esbanjador, a sociedade esteja pelas orelhas de pagar muito e receber pouco e, diante disso, que a mera menção a "deveres" seja sinônimo de mais por menos.

Traumas à parte, clamar por mais direitos, ou seja, respeito e responsabilidade por parte de nossos governantes, não deveria implicar em desrespeitar e ser irresponsável para com nossos vizinhos. Onde ficam os limites entre direitos e deveres, duas teóricas metades da laranja que, na prática, acabam se transformando em palco de embates? São estudantes que invadem a reitoria da universidade para fazer suas exigências, enquanto outros se manifestam para que o protesto pelos direitos dos colegas não lhes tolha o direito de ter aulas. Rodovias são bloqueadas por membros do movimento sem teto, indignados com o atraso no cumprimento de suas expectativas de direitos, transformando a vida dos motoristas que nada lhes devem em um inferno dantesco. No nosso projeto de democracia, o limite da ética se

---

#### MAIS INFORMAÇÕES

'Campanha pela volta do ladrão de galinha', por XICO SÁ

---

'O estranho silêncio das ruas', por LUIZ RUFFATO

---

'A violência policial de junho 2013, agora aprimorada', por CAMILA MARQUES e MARIANA RIELLI

---

'O golpe e os golpeados', por ELIANE BRUM

---

esquece do espaço do outro. Todos clamamos por um país sem [corrupção](#), desde que as pequenas corrupções do cotidiano de cada um não sejam afetadas; todos queremos ruas limpas, mas a culpa por termos vias emporcalhadas é da empresa que não limpa a sujeira que é contratada para limpar, já que lixo nasce por combustão espontânea. Na busca por direitos individuais, passamos um rolo compressor sobre a noção de coletivo. A conta, claro, não fecha.

Há duas décadas o deliciosamente ousado [Antanas Mockus, ex-prefeito de Bogotá](#), causou *frisson* em sociedades vizinhas ao cunhar e praticar o conceito de cultura cidadã. Afinal, em uma sociedade convulsa, a instância tradicional de justiça - aquela, representada pela deusa romana Justitia, com seu fiel da balança perpendicular (*dritto*, direito) ao chão - não faz sentido. No Brasil de tempos recentes, a [Operação Lava Jato](#) trouxe um laivo de esperança de resgate dessa imagem, mas ainda há muito por fazer, sempre e quando queiramos de fato assumir a responsabilidade de sermos uma democracia. Do mesmo modo, em uma sociedade transtornada por privilégios de alguns e privações de muitos, os conceitos de foro íntimo e ética se dissolvem no ar e o que não é ilegal não é visto como imoral.

Nesse quadro, a chance de termos uma sociedade viável, convivível e madura é a tal cultura cidadã - o olhar do e sobre o outro, que nos faz sentir bem ao sermos reconhecidos por agirmos de forma socialmente correta; ou vergonha ao pisarmos em falso. Em suma, para recuperar a percepção de que o meu direito termina onde o seu começa, é preciso voltar a reconhecer a existência do outro e se reconhecer pelo olhar do outro, algo que parecemos ter esquecido há muito.

Voltemos ao Facebook. Levante a mão quem não delistou ou foi delistado ao dizer que foi ou não às manifestações, que é contra ou a favor do impeachment e mais, que se sentiu aliviado por não ter mais de discutir com aquele chato de plantão. Porque, claro, o chato sempre é o outro. Difícil exercício, o dessa tal

democracia.

---

**Ana Carla Fonseca e Alejandro Castañé** são sócios da Garimpo Soluções, consultoria de economia criativa.

---

 **ARQUIVADO EM:**

Opinião · Operação Lava Jato · Liberdade expressão · Caso Petrobras · Investigação policial · Google · Facebook · Subornos · Financiamento ilegal · Lavagem dinheiro · Redes sociais

**CONTENIDO PATROCINADO**



**BITRIX 24, La Intranet Social Corporativa**

(MIX MUNDOS)

---

**Y ADEMÁS...**



**Atención al "zasca" de Arturo Valls en Ahora caigo**

(MAXIMA.FM)



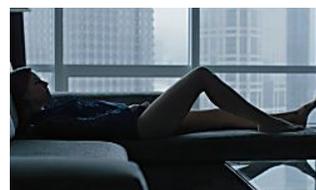
**Así sonaría tu gato si en lugar de maullar dijera "hey" (VÍDEO)**

(HUFFINGTON POST)



**Además de corrupto, inútil**

(CADENA SER)



**Dime cómo te masturbas y te diré cómo eres**

(GRAZIA ESPAÑA)

recomendado por

© **EDICIONES EL PAÍS, S.L.**

Contato | Venda | Publicidade | Aviso legal | Política cookies | Mapa | EL PAÍS no KIOSKOyMÁS | Índice | RSS |